

OS CERAMISTAS TUPIGUARANI

Volume I - Sínteses Regionais

André Prous & Tania Andrade Lima
(editores)

OS CERAMISTAS TUPIGUARANI

Volume I - Sínteses Regionais

André Prous & Tania Andrade Lima (editores)

EXPEDIENTE

Presidente da República
Luís Inácio Lula da Silva

Ministro da Cultura
Gilberto Gil Passos Moreira

**Presidente do Instituto do Patrimônio Histórico
e Artístico Nacional - Iphan**
Luiz Fernando de Almeida

Procuradora-Chefe
Lúcia Sampaio Alho

Departamento de Planejamento e Administração
Maria Emília Nascimento Santos

Departamento do Patrimônio Material e Fiscalização
Dalmo Vieira Filho

Gerencia de Arqueologia
Rogério José Dias

Departamento do Patrimônio Imaterial
Márcia Genésia de Sant'Anna

Departamento de Museus e Centros Culturais
José do Nascimento Júnior

Coordenação Geral de Promoção do Patrimônio Cultural
Luiz Philippe Peres Torelly

Coordenação Geral de Pesquisa, Documentação e Referência
Lia Motta

Superintendência Regional do Iphan em Minas Gerais

Superintendente

Leonardo Barreto de Oliveira

Chefe da Divisão Técnica

Maria Inês Trajano de Faria

Chefe da Divisão Administrativa

Sílvio Barbosa de Lima

Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

SBN Quadra 2 Bloco F Ed. Central Brasília

CEP 70040-904 - Brasília DF

Telefones: (061) 3414 6176 e 3414 6190

<http://www.iphan.gov.br>

webmaster@iphan.gov.br

FICHA TÉCNICA

Idealizadores / Editores

André Prous e Tania Andrade Lima

Responsável pelo Projeto do Iphan

Alexandre Henrique Delforge

Projeto Gráfico, Diagramação e Capa

José Antônio dos Santos (MG 00091 DG)

Alexandre Henrique Delforge

Revisão de Texto

Alexandre Henrique Delforge

José Antônio dos Santos (MG 00091 DG)

Estagiária da Arqueologia

Bruna Lopes Coutinho

Foto capa

Tania Andrade Lima

Fragmento de vasilhame corrugado tupiguarani

Acervo arqueológico do Museu Nacional da Quinta da Boa Vista

Universidade Federal do Rio de Janeiro

Impressão

Gráfica e Editora Sigma LTDA

SUMÁRIO

OS CERAMISTAS TUPIGUARANI

André Prous & Tania Andrade Lima (editores)

Volume 1

Apresentação
André Prous

JOSÉ PROENZA BROCHADO, VIDA ACADÊMICA E A ARQUEOLOGIA TUPI
Francisco da Silva Noelli **17**

A TRADIÇÃO TUPIGUARANI NA AMAZÔNIA
Edithe Pereira, Maura Imazio da Silveira, Maria Christina Leal F. Rodrigues, Cintia Jalles de C.
de Araújo Costa, Christiane Lopes Machado **49**

RECIPIENTES CERÂMICOS DE GRUPOS TUPI, NO NORDESTE BRASILEIRO Marcos Albuquerque	67
CARACTERÍSTICAS DA TRADIÇÃO TUPIGUARANI NO SUDESTE DO BRASIL Ondemar Dias e Lílian Panachuk	91
CONSIDERAÇÕES SOBRE A DISTRIBUIÇÃO DAS SOCIEDADES TRIBAIS DE FILIAÇÃO LINGÜÍSTICA TUPI-GUARANI NO ESTADO DE SÃO PAULO Maria Cristina Mineiro Scatamacchia	117
A PROBLEMÁTICA ARQUEOLÓGICA DA TRADIÇÃO CERÂMICA TUPIGUARANI EM MATO GROSSO DO SUL Emília Mariko Kashimoto & Gilson Rodolfo Martins	149
A TRADIÇÃO CERAMISTA TUPIGUARANI NO SUL DO BRASIL Pedro Augusto Mentz Ribeiro	179
ESTADO ACTUAL Y PERSPECTIVAS DE LA ARQUEOLOGIA DE LA "TRADICIÓN TUPIGUARANI" EM ARGENTINA Daniel Laponte & Alejandro Acosta	197

PREFÁCIO

A publicação da presente obra reveste-se de inúmeros significados para o Iphan, em especial para Minas Gerais, além da contribuição que sem dúvida trará para os que se debruçam sobre o estudo da cerâmica Tupiguarani.

O primeiro e forte significado, remete ao simples fato da Superintendência Regional voltar a apoiar firmemente a publicação de obras de referência como uma política institucional, seguindo o exemplo dado pela presidência do Iphan, que reavivou tal prática com a utilização de recursos da própria instituição ou através do Programa Monumenta.

Como servidor do Instituto, já há muitos anos, acompanhei com preocupação, compartilhada com muitos que se dedicam à preservação do patrimônio cultural brasileiro, o período que o Iphan mergulhado em uma absurda carência de recursos não pôde exercer este importante papel de fomentar o debate técnico. Papel que exerceu com reconhecida competência desde sua criação. Impõe-se, portanto, o registro de mérito para a atual equipe do Ministério da Cultura, pelo sólido apóio financeiro aos projetos da instituição e pela visão gerencial avançada, condicionantes básicas para atuações como estas, que destacam-se pelo critério de valor técnico, na melhor prática republicana.

Outro fato simbólico é que pela primeira vez estamos, através da Superintendência de Minas Gerais, publicando obra voltada exclusivamente para a arqueologia. Há muito contamos com o inestimável apoio dos poucos e dedicados colegas arqueólogos, dispersos pelo território nacional, no acompanhamento das ações em nosso estado, que comprovadamente possui significativa importância para o estudo arqueológico no Brasil. A enorme demanda determinava, há muito, a necessidade de criação de um setor específico na unidade de Minas. O embrião de uma área de arqueologia na Superintendência em Minas Gerais começa a partir do esforço para fortalecimento da arqueologia no Iphan, com a realização de concurso público que resultou na vinda do técnico Alexandre Delforge. Na sua atuação criteriosa e compartilhada com a comunidade científica, começa a estabelecer uma ação local do Iphan cujo primeiro produto palpável é a presente parceria para publicação deste livro.

A presença, neste volume da coletânea, do capítulo voltado para a cerâmica Tupiguarani na Argentina, desenvolvido por arqueólogo daquele país, entre outros artigos que virão nos próximos livros, apontam para o fortalecimento da colaboração das co-

munidades científicas na América do Sul que através de pequenas iniciativas como esta vem se consolidando. Esta é uma diretriz que também vem sendo perseguida, tanto pelo Iphan, como pelo conjunto do Ministério da Cultura, de fundamental importância tanto para o desenvolvimento futuro de nosso continente como para o entendimento de nosso passado comum.

Como profissional da área técnica da instituição que se encontra no desempenho de atividades de chefia, envolvido nos áridos afazeres da administração pública federal, momentos como este, em que se pode contribuir para que ações de relevância, como a presente, possam concretizar-se, são um privilégio e um prazer.

Não poderia deixar de agradecer o apoio da Gerência de Patrimônio Arqueológico e Natural do Departamento de Patrimônio Material e Fiscalização do Iphan, na pessoa do incansável colega Rogério José Dias, ao pessoal desta Superintendência que se empenhou para viabilizar o projeto e de parabenizar, pelo consistente conteúdo, a todos os autores e aos idealizadores da obra, Professores André Prous e Tania Andrade Lima.

Leonardo Barreto de Oliveira
Superintendente do Iphan em Minas Gerais

APRESENTAÇÃO

Esta obra coletiva nasceu quase de um acaso. Em 1998, estava terminando um longo ciclo de pesquisas de campo no Vale do Rio Peruaçu. Depois de trabalhar muitos anos preferencialmente sítios em abrigos, mergulhado nos vestígios deixados pelas populações mais antigas do Brasil central, analisando tecnologia lítica e arte rupestre, senti o desejo de iniciar o estudo de novos grupos, abordar um passado menos remoto, enfim, descobrir outros horizontes. Estava na hora de apresentar novos projetos de pesquisa a agências de fomento, quer ao CNPq, no Brasil, quer ao Ministère des Affaires Etrangères, na França e, desta forma, abrir uma nova frente em minha vida profissional. Foi neste momento que Alenice Baeta, minha colaboradora de longa data, encarregou-se do salvamento da área a ser inundada pela usina hidroelétrica de Aimorés, no baixo Vale do Rio Doce. As primeiras prospecções localizaram quase exclusivamente sítios tupiguarani.

A. Baeta propôs então uma parceria entre sua equipe e o Setor de Arqueologia da UFMG. Desta forma, enquanto ela se responsabilizaria particularmente pelas áreas que seriam inundadas, os pesquisadores da UFMG poderiam estudar os sítios da mesma região que não se encontravam diretamente ameaçados. Um intercâmbio permanente de informações, de pessoas nas escavações e de pesquisadores em laboratório tornaria possível um estudo regional integrado, cujos resultados poderiam ser mais abrangentes que os de um “salvamento” da zona ameaçada.

Desta proposta nasceu a idéia de elaborar um projeto (submetido ao CNPq e ao Ministério des Affaires Etrangères) para estudar os Tupiguarani no estado de Minas Gerais, onde esta cultura pré-histórica tinha sido quase que completamente deixada de lado nas pesquisas depois das pesquisas pioneiras do IAB no início dos anos 1970 (a parte alguns trabalhos rápidos, como os de L. Kneip, interrompidos pelo falecimento desta pesquisadora). Ao mesmo tempo, a equipe de arqueologia da UFJF iniciava pesquisas em sítios desta tradição na região de Juiz de Fora, o que nos levou a prever uma colaboração entre nossas duas Instituições.

O primeiro trabalho de campo da equipe da UFMG foi realizado no município de Conceição dos Ouros, em dezembro de 2001, a convite da Prefeitura Municipal, através de Paulo Araújo de Almeida. Ao analisar o material de um enterramento já escavado anteriormente nesta cidade por F. Lopes de Paula (IEPHA – MG), tivemos a surpresa de observar desenhos - de uma complexidade e de uma qualidade absolutamente inesperadas - que decoravam uma das vasilha da estrutura funerária. Passamos muito tempo tentando copiar os grafismos e fiquei persuadido de que, encontrando-se, entre os habitantes desta região isolada do epicentro tupiguarani, uma pintora de tamanha capacidade, deveria haver muitas outras no resto do país. Voltaram à minha memória as palavras de Jean de Léry, louvando no século XVI as desenhistas tupinambá e decidi empenhar-me em resgatar este tesouro de cuja existência não podia duvidar.

Pouco depois, tendo sido convidado por Tania Andrade Lima para compor uma banca no Museu Nacional, conversei com esta pesquisadora a respeito do meu projeto. Com sua generosa colaboração, pude aproveitar os intervalos entre as sessões da banca para analisar algumas das vasilhas então em exposição. Minhas suposições revelaram-se certas: ao se dedicar preferencialmente a estudar os fragmentos provenientes de escavações, os arqueólogos tinham deixado em segundo plano a riqueza de composição dos desenhos tupiguarani. Não que os pesquisadores gaúchos (particularmente P. I. Schmitz, F. La Salvia e J. J. Brochado) não tivessem já observado os desenhos presentes nos numerosos cambuchi do Brasil meridional, mas aqueles do litoral carioca que eu estava decifrando apresentavam uma complexidade e uma qualidade bem superior. Mais tarde, soube que M. C. Scamattchia também tinha-se interessado em analisar estes grafismos, mas sua tentativa não tinha ido adiante.

Não me parecia haver sentido em estudar a pintura independentemente dos outros vestígios; eu não tinha, porém, competência e muito menos recursos para estudar a cultura tupiguarani em todos seus aspectos e em toda sua extensão geográfica. Desta forma, um projeto começou a tomar forma durante minhas conversas com a Dra. Andrade Lima: porque não tentar congregiar todos os estudiosos da cultura tupiguarani e elaborar conjuntamente uma obra que permitisse a um mesmo tempo fazer um

balanço dos conhecimentos atuais e abrir novas perspectivas?

No mês de junho seguinte, aproveitando o convite feito pelo Prof. Alexandre Felizola Diniz para ministrar um curso em Aracaju, estudei as cerâmicas e os fragmentos pintados de várias coleções nordestinas de Sergipe, do Rio Grande do Norte e da Bahia. O interesse e a boa vontade dos responsáveis pelos acervos, assim como a certeza de que eu não conseguiria levantar todas as coleções do país levaram-me a pensar na elaboração de um catálogo coletivo das vasilhas pintadas – e, na medida do possível, dos fragmentos mais característicos – com a participação dos curadores das coleções ou de pessoas designadas por eles. As minhas viagens (ao MARSUL – RS, em dezembro de 2002 e ao Rio de Janeiro, onde pude ter acesso irrestrito às coleções do IAB, do Museu Nacional – inclusive ao material inédito escavado por A. Buarque - e da minha colaboradora L. Panachuk (que visitou várias coleções do estado de Santa Catarina) permitiram amadurecer os procedimentos e elaborar um roteiro descritivo. T. Andrade Lima proporcionou o levantamento da coleção tupiguarani e a realização por F. e W. Crancio de decalques das peças pintadas do Museu Nacional. A colaboração decisiva de todos os que contactamos evidenciou a possibilidade de se levar adiante um projeto coletivo, através do qual pensamos homenagear o grande especialista da cultura tupiguarani: José Proenza Brochado.

Tendo aceito T. Andrade Lima meu convite para uma colaboração que levaria à co-edição de um livro sobre os ceramistas Tupiguarani, formalizamos a proposta de uma publicação conjunta, convidando um grande número de pesquisadores – inicialmente brasileiros e, mais tarde, uruguaios e argentinos. Uns foram encarregados de apresentar uma síntese regional da cerâmica tupiguarani; outros, de tratar tão somente aspectos específicos desta cultura, enquanto outros, ainda, foram encarregados de preparar um catálogo do material sob sua guarda ou facilmente acessível.

No XII Congresso da Sociedade de Arqueologia Brasileira, realizado em São Paulo em setembro de 2003, coordenamos ambos um simpósio, durante o qual um grande número de comunicações sobre a cerâmica tupiguarani foi apresentado pelos nossos primeiros colaboradores; outros colegas ofereceram sua própria participação, reforçando o grupo original. Desta forma, apesar de alguns sub-projetos iniciais não terem sido realizados, outros foram acrescentados, levando ao resultado que ora apresentamos ao público.

Além da satisfação de ter contribuído para expandir os conhecimentos sobre os possíveis ancestrais diretos dos indígenas que receberam os europeus na orla da Terra Brasilis e de ter aberto novas sendas de investigação, temos a felicidade de ter reencontrado nossos colegas de longa data, desfrutado da sua confiança e da sua generosidade; de ter encontrado, também, arqueólogos mais jovens que, esperamos, levarão adiante o trabalho que iniciamos. Espero que estes três volumes cuja abertura é feita por mim e o fechamento T. Andrade Lima, possam mostrar à nova leva de pesquisadores que é possível e frutífero trabalhar em conjunto, apesar das distâncias – sejam elas geográficas, de orientação teórica ou de geração.

A todas e a todos, meus mais sinceros agradecimentos.

André Prous.

Homenagem a um mestre, vida e obra

Os editores dedicam esta obra a José Proenza Justiniano Brochado, pela sua inestimável contribuição ao estudo dos ceramistas Tupiguarani.

RECIPIENTES CERÂMICOS DE GRUPOS TUPI, NO NORDESTE BRASILEIRO.

Marcos Albuquerque¹
Coord. do Lab. de Arqueologia da UFPE
Pesquisador do CNPq

Depois de atravessarem dois terços da cidade e seguir por uma estrada que subia e descia o terreno ondulado que outrora fora coberto de mata, o professor de Arqueologia acompanhado de três estagiários finalmente chega a um pequeno sítio na periferia da cidade. O que os trouxera ali foi a curiosidade do proprietário do sítio que soubera que ao se cavar o solo para implantar as estacas de uma cerca os trabalhadores haviam se deparado com o inusitado; o instrumento batera em um material mais sólido, mas que cedera às investidas da enxada. Haviam encontrado um grande pote de barro, que se espatifara. No primeiro momento, a grande esperança, seria uma botija? Desânimo! Apenas terra escura e um outro potezinho, também sem 'nada', e que fora jogado longe, quebrando-se. " Parece que havia também alguns fragmentos de ossos, mas nada importante, nada que valesse a pena." Travava-se de mais uma 'urna' tupiguarani, encontrada e destituída de seu contexto.

Temos aí uma situação por demais repetida em todo o Brasil, e possivelmente mais além. Serve como exemplo para se assinalar que esta tem sido o modo mais comum como foram conhecidas as formas inteiras ou reconstituíveis dos recipientes cerâmicos: achados fortuitos.

Como caracterizar, como apresentar uma síntese dos recipientes desta cerâmica, que aos olhos treinados pode ser reconhecida à distância? Pela decoração, embora muitos recipientes não mostrem decoração? Pela forma? Pela tecnologia usada no fabrico?

Muito provavelmente seja a forma o primeiro elemento que chama a atenção, seguindo-se de imediato a decoração, a técnica que se espelha através da textura, da coloração. Seria o conjunto de tais características que levariam a se identificar aquela cerâmica. Mas o fundamental seria caracterizar-se quem as fabricou, quem as usou, como as usou.

Qualquer que seja a tendência teórica ou metodológica do pesquisador em arqueologia, a identificação dos artefatos tem sido o ponto de partida buscado. Identificação que passa, da função, ao uso à da distribuição.

Muitos dos aspectos teóricos que tratam de uma correlação entre a forma e a função nesta cerâmica, foram tratados por diferentes autores e sistematizados por Brochado,² Scatamachia³ e outros.

1 O presente estudo foi possível graças a colaboração de colegas que selecionaram e fotografaram o material em suas regiões de atuação: **Luiz Dutra Souza Neto**, que selecionou e fotografou peças do Museu Câmara Cascudo, no Rio Grande do Norte; **Deusdedit Leite Filho**, que selecionou, descreveu e fotografou peças do Maranhão; **Francisco Veloso**, arquiteto da 4ª SR IPHAN, que selecionou e fotografou peças do Ceará; e **Cláudia Alves** que selecionou peças do NEA. O Prof. **Vicente Alves**, conhecedor da História do Araripe, foi o responsável pelo apoio logístico de nossa equipe e colaborador incansável na localização dos sítios na Região. A todos agradeço pela inestimável colaboração.

2 BROCHADO, Jose Proenza. **Alimentação na Floresta Tropical**. Porto Alegre, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 197, 103p., il.

3 SCATAMACCHIA, Maria Cristina Mineiro. Tentativa de caracterização da Tradição Tupiguarani. São Paulo, Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado Antropologia Social da Faculdade de Filosofia, Letra e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 1981, 301 p, il.

Do mesmo modo que a avaliação inicial de sua distribuição, da ocorrência até então conhecida daquela cerâmica levou a correlacioná-la inicialmente com o que Steward⁴ caracterizou como 'cultivadores de floresta tropical'.

Amplamente dispersa no Sul, Sudeste e Nordeste do Brasil, foi ainda identificada no Norte e mais recentemente no Centro-Oeste do País.

No Nordeste, onde ecossistemas extremos (sob o controle da umidade) coexistem com fronteiras muito próximas, a dispersão Tupiguarani, com complexas aldeias localizadas em meio ao semi-árido, levou Albuquerque e Lucena⁵ a questionarem a estrita associação com o modelo dos 'cultivadores de floresta tropical'.

A convergência de algumas características mais freqüentes em determinadas regiões conduziu Scatamacchia⁶ a propor uma subdivisão daquela tradição cultural Tupiguarani, em Guarani, mais ao sul, e Tupinambá, mais a norte.

Embora os sítios arqueológicos com presença de cerâmica conhecida inicialmente como Tupiguarani sejam referidos há mais de 40 anos, em vários pontos o Nordeste, certamente ainda não foi possível construir-se uma síntese regional relacionada àquelas ocupações. Algumas tentativas têm abordado a questão por vieses que privilegiam enfoques ou aspectos específicos, constituindo-se nos alicerces da construção do conhecimento acerca daqueles grupos que certamente chegaram a contactar com os colonizadores europeus.

Por outro lado, a tarefa de elaborar uma síntese abrangendo o conjunto das formas dos recipientes Tupiguarani que ocorrem no Nordeste, a nosso ver, vai bem mais além do que um trabalho de compilação, de mapear a distribuição geográfica da ocorrência de formas ou comentar cada uma delas e suas variações. O estado atual dos estudos já desenvolvidos acerca da cerâmica tupiguarani exige uma abordagem mais detalhada, que leve em consideração não apenas questões de distribuição geográfica mas sobretudo de distribuição espaço/temporal. Esta observação, que a primeira vista pode parecer desprovida de maior importância, até porque é uma abordagem inerente à Arqueologia, no caso específico dos sítios da tradição Tupiguarani se reveste de uma certa peculiaridade. O posicionamento proto-histórico da tradição, e certamente histórico de alguns de seus sítios, impõe a necessidade de um refinamento cronológico que permita discernir entre a tradição nativa em si e as resultantes da aculturação decorrente do contato. Por outro lado, a própria distribuição espacial dos sítios pode, nos casos dos assentamentos do período histórico, ser fruto do contato intercultural com os colonizadores. Os padres missionários não apenas interferiam no que concerne à escolha do local para as aldeias, como freqüentemente promoviam a junção de mais de um grupo em um mesmo local. Tais 'aldeias', constituídas por diferentes grupos tribais, sob a orientação de padres, nem sempre apresentavam uma organização espacial fundamentalmente distinta de aldeias nativas. Mantinham-se os materiais e as técnicas de construção, assim, no contexto arqueológico bem poderiam ser identificadas como aldeias nativas.

A identificação arqueológica, seja de um grupo, seja de uma tradição cultural se faz, em primeira instância, através da identificação de seus sítios, dos elementos materiais produzidos ou utilizados.

No Nordeste do Brasil a presença de cerâmica tupiguarani tem sido identificada em assentamentos localizados em distintos ecossistemas. Embora se tenha insistentemente buscado, não foi possível, até o momento, reunir características peculiares que possam ser associadas a um determinado ecossistema definido. Características comuns que se restrinjam a uma determinada região fisiográfica. Na região, os sítios arqueológicos que apresentam este tipo de cerâmica se

4 LOWIE, Robert H.. The Tropical Forest; An introduction. Handbooks of South American Indians, Julian H. Steward, ed., v. 3, p. 1-56. Smithsonian Institution, Bul. 143. Washington: Bureau of American Ethnology, 1948.

5 ALBUQUERQUE, Marcos; LUCENA, Veleda. Agricultura Tropical Pré-histórica (um sistema de floresta úmida ou que integra o semi-árido?). Revista Ciência e Trópico. Recife, 19 (1): 7-33, 1990.

6 SCATAMACCHIA, Maria Cristina Mineiro. A tradição policrômica no leste da América do Sul evidenciada pela ocupação Guarani e Tupinambá: fontes arqueológicas e etno-históricas. Tese de Doutorado em Antropologia Social (arqueologia) apresentado ao Departamento de Antropologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, USP, SP, 310p, 1990.

distribuem em áreas que refletem distintos ecossistemas. São conhecidos sítios arqueológicos relacionados a:

- a) Comunidades que viveram em regiões alagadiças bem próximas ao mar, cercadas pelos manguezais, próximo às restingas;
- b) Comunidades que se assentaram (ainda que temporariamente) entre as dunas litorâneas, móveis, desprovidas de vegetação arbórea, ainda que pontilhadas a distâncias por pequenas lagoas de água doce;
- c) Grupos que habitavam as matas litorâneas, muito próximas ao mar;
- d) Grupos sediados nas matas úmidas interioranas, distantes centenas de quilômetros do mar;
- e) Grupos que habitavam as matas secas;
- f) Grupos que habitavam terras semi-áridas do sertão;
- g) Grupos que habitavam as ilhas do São Francisco;
- h) Grupos que habitavam a vertente mais seca da Chapada do Araripe;
- i) E ainda os que habitavam as altas serras que se destacam da paisagem plana e rebaixada, onde domina o semi-árido. Ali, a brusca mudança de altitude traz consigo (ou preserva consigo) as densas matas. São os brejos de altitude, que na realidade representam 'ilhas' de vegetação florestal em meio à caatinga.

Tal diversidade de ambientes levou, como foi mencionado anteriormente, a questionamentos relacionados à associação inicial da tradição cultural Tupiguarani aos 'cultivadores de floresta tropical' descritos por Steward⁷.

Um outro aspecto também considerado para entender-se tal amplitude de ambientes, foi a possível relação com a pressão exercida pelos colonizadores (guerras, apresamentos) sobre os grupos que os teria compelido a deixar as matas litorâneas, fugindo para o sertão. É bem verdade que tais fatos estão relatados na documentação histórica. Mas, a complexidade dos sítios arqueológicos identificados em áreas que não são de 'floresta tropical' parece não refletir uma sociedade sob impacto, dizimada pelas guerras ou de uma população 'corrida' para fugir ao apresamento. Ao contrário, os sítios localizados no semi-árido refletem uma sociedade numerosa, complexa, com uma tralha abundante.

Um outro aspecto que tem sido considerado quanto à distribuição, no Nordeste, dos sítios arqueológicos em que se apresenta a cerâmica Tupiguarani, é a amplitude temporal daquelas ocorrências. A extensão territorial daquelas ocupações, a complexidade e elaboração de sua cerâmica, a pelo menos aparente uniformidade de muitas de suas características, não parecem poder se associar a um curto espaço de tempo. O tamanho das aldeias, refletindo a densidade demográfica, também sinaliza no sentido de uma sociedade estabilizada em termos de sua economia.

Mas, uma séria questão se põe, em termos do resgate arqueológico: a par de casos punctuais, em que foram localizados recipientes em profundidade, via de regra decorrentes de achados fortuitos, a grande maioria dos sítios arqueológicos com cerâmica tupiguarani é superficial.

Tal situação traz repercussões no se refere à estratigrafia, à identificação da cronologia do material intra-sítio.

Ainda, grande parte dos sítios está localizada em um posicionamento topográfico favorável à erosão, o que contribui para expor à superfície os fragmentos cerâmicos, para colocá-los em um contexto onde as chances de mascaramento das datações são evidentes, tanto para as datações com base no C_{14} , quanto naquelas fundamentadas pela fotoluminescência. Esta exposição prejudica ainda mesmo as datações por termoluminescência, uma vez que a região, devido ao sistema global de circulação atmosférica tende, na atualidade, a receber cargas radioativas provenientes de eventos distantes.

Eventuais sepultamentos em 'urnas funerárias', que poderiam permitir datações mais confiáveis, como foi referido, em sua maioria, decorre de achados fortuitos, quase sempre não relacionados com sítios de habitação do grupo (ou cujo relacionamento com sítios-habitação não é conhecido).

7 Op. Cit.

Assim, um grande problema que se tem enfrentado no estudo, na sistematização do tupiguarani é a questão da datação dos sítios. Problemas que decorrem de:

- A falta de estratigrafia para uma datação relativa das formas.
- A intensa oxidação da matéria orgânica (para o C_{14} .) associada à superficialidade de grande parte dos sítios relatados.
- A prática cultural (até os dias atuais) das queimadas para o cultivo que mascaram datações por termoluminescência e por C_{14} .
- Ausência de restos humanos em muitas das 'urnas' relatadas, ou mesmo a perda de tais vestígios face o caráter fortuito de grande parte dos achados.

A maior parte das datações obtidas (um número reduzido, considerando-se a quantidade de ocorrências registradas) situam-se entre 700 e 300 anos antes do presente, uma faixa em torno da proto-história. A mais antiga datação obtida, muito distanciada da média das datações da área, foi temporariamente desconsiderada, até que outros dados venham a confirmá-la ou negá-la definitivamente.

Do mesmo modo que as características do assentamento não permitem estabelecer-se padrões de aldeias associados a ecossistemas, tampouco as datações informam quanto a uma possível associação entre tempo e espaço ocupado. O quadro abaixo exemplifica a questão.

Ambiente	Datação	Variação	Min	Média	Max.	
Mata úmida (<40km do litoral) PE 94-Cm	2130	+/- 400	-580	-180	220	AC (temporariamente desconsiderada)
Mata úmida (<40km do litoral) PE 95-Cm	785	+/- 150	1015	1165	1315	Certamente antes do contato
Mata úmida (<40km do litoral) PE 93-Cm	510	+/- 150	1290	1440	1590	Possivelmente antes, mas talvez pós-contato.
Brejo de altitude PE 123-Pja	510	+/- 150	1290	1440	1590	Possivelmente antes, mas talvez pós-contato.
Mata úmida litorânea (junto à praia) PE 13-Ln			1516			Contato inicial com portugueses
Vertente mais seca da Chapada do Araripe (cerca de 700km do litoral) PE 137-Bga	340	+/- 150	1460	1610	1760	Possivelmente antes, mas talvez pós-contato.
Mata úmida (<40km do litoral) PE 86-Cm	225	+/- 150	1575	1725	1875	Pós-contato.
Mata úmida (<40km do litoral) PE 107-Cm	150	+/- 150	1650	1800	1950	Pós-contato.

Por outro lado, em um sítio litorâneo do período histórico, foi possível constatar o contato intercultural abrangendo colonos europeus do século XVI (datado através do tipo de faiança encontrada) e nativos que se utilizavam da chamada cerâmica tupiguarani⁸. Tem-se deste modo registrada a presença no Nordeste dos portadores daquela

8 ALBUQUERQUE, Marcos. Subsídios ao estudo arqueológico dos primeiros contatos entre os portugueses e os indígenas da Tradição Tupiguarani no Nordeste do Brasil. *CLIO, Revista do Curso de Mestrado em História*, Recife, (5): 105-116, 1982.

tradição, durante o período inicial do contato com os colonizadores europeus. Grupo estabelecido no litoral antes do contato.

Por quanto tempo mais teria a tradição se mantido, ou mesmo resistido ao contato. No estudo das formas de sítios deste período em diante, há que se considerar a possibilidade de influências culturais decorrentes do contato com colonizadores. Portugueses em sua maioria, mas ainda franceses e também holandeses. A exceção dos franceses que parece, até então pouco teriam buscado interferir no sistema religioso, portugueses e holandeses atuaram fortemente no sentido catequético. Aspecto que geraria uma ampla gama de alterações no conjunto do sistema nativo. A ação religiosa que desde cedo permeou o contato interétnico, com seus rituais místicos, possivelmente exercia uma forte atração entre os nativos.

Durante uma forte seca havida em 1583, muitos grupos nativos aproximaram-se, ‘desceram’ até à Vila de Olinda. Passada a seca, a maioria dos nativos retornou às suas aldeias, outros, no entanto permaneceriam entre os colonizadores. Havia entre eles um, Mitagaia, de grande nome entre os índios, que confiou um de seus filhos ao Padre Reitor do Colégio dos Jesuítas, “que logo aprendeu a falar português, e ajudar à missa e a ler, escrever e contar”⁹.

Os contatos interculturais promoveram, muitas vezes, a cooptação de nativos ora com portugueses, ora com holandeses; cooptação que os conduzia a guerras entre grupos nativos, a participar das guerras dos brancos contra os nativos e das guerras entre os brancos.

Na convivência com os brancos, segundo os relatos, grandes aldeias conhecidas dos colonizadores que com eles negociavam, participavam de guerras, atendiam a chamados para destruir outras aldeias. Muitos mesmo trabalhavam em engenhos de açúcar, nas minas de salitre, nos currais de gado, e ainda promovendo a pesca, seja em rios, seja nos ‘currais’ nas praias rasas.

A iconografia relativa ao Nordeste, da primeira metade do século XVII, é rica em muitos detalhes que envolvem a participação dos indígenas na sociedade colonial, tanto urbana quanto rural; nas atividades produtivas e na participação bélica. A análise dos detalhes das iluminuras é particularmente rico em mostrar as relações culturais interétnicas.

A associação entre os poderes temporais e religiosos não está presente apenas na colonização portuguesa. A associação entre religiosos e militares se mostra também nas missões que os holandeses calvinistas administravam, e está bem representada em uma das iluminuras da planta das capitânicas da Paraíba e Rio Grande do Norte.

Embora os detalhes reproduzidos pelo autor permitam identificarem-se etnias, sexo, status, tipos de armas e até mesmo tipos de vegetais como a bananeira, não existe sequer uma representação específica da tralha doméstica. Os recipientes cerâmicos não estão ali representados e os volumes transportados pelas mulheres indígenas apresentam o aspecto comum como são representados os fardos em outras diferentes situações e por diferentes etnias. Por outro lado, o modo de transporte (sobre a cabeça), sem os suportes trançados, difere das expectativas. Tais suportes, são freqüentemente referidos nos relatos, e sua persistência temporal chega aos dias atuais.

Esta iconografia apresentando as mulheres acompanhando seus familiares na guerra traz à luz um elemento possivelmente fundamental para a longa participação indígena no conflito entre os brancos (luso-brasileiros e holandeses). Segundo a documentação histórica, na tradição dos nativos do litoral, cabia às mulheres o transporte da tralha, dos suprimentos secos. Embora coubesse aos homens provir de carne o grupo, com a caça, não transportavam, como os soldados dos brancos, seus próprios suprimentos. Deste modo a estruturação social se mantinha, ao contrário da experiência que se tentou na implantação das oficinas de salitre.

9 CARDIN, Fernão. *Tratado da Terra e Gente do Brasil*. Rio de Janeiro: 1925.



Ilustração 1 - Detalhe da ilusão de Franz Post no mapa da Paraíba e Rio Grande do Norte do conjunto cartográfico de George Marcgrave 1634. Inseto na obra “História dos Feitos Recentes Praticados Durante 8 anos no Brasil”, Gaspar Barleus. Ed. Fundação Cultural da Cidade de Recife 1980, reprodução Facisimilar das gravuras que ilustram a 1ª edição. 1647.



Ilustração 2 - Holandeses e índios no Rio Grande do Norte. Detalhe do Forte dos Reis Magos pelos holandeses denominados de Von Ceulen, no Rio Grande do Norte. Desenho Franz Post. Inseto na obra História dos Feitos Recentemente Praticados Durante Oito Anos no Brasil, de Gaspar Barleus. Ed. Fund. Cult. Cidade do Recife. Recife 1980. Rep. Fac-similar das gravuras que ilustram a 1ª edição de 1647.

No início do século XVIII recomendava-se que “a oficina não deve ser com índios, porque a lembrança da ociosidade com que todos vivem nas suas aldeias dos filhos, mulhere se parentes que nelas deixaram os incapacita para qualquer trabalho, nem se acha meio para impedir com eficácia as ausências que ordinariamente fazem das minas, retirando-se tão ocultos...”¹⁰.

Também os hábitos alimentares eram um fator que se alegava dificultar o emprego de mão e obra indígena nas minas do sertão: “... no distrito das minas em que não se logram as plantas de mandioca, produzem com fertilidade milho, feijão e abóbora, com estes mantimentos que era bom para os negros não podem passar, nem acomodar-se os índios que se criaram, e sustentaram sempre com farinhas.”¹¹. Se o sertão das minas de salitre não se mostrava propício ao cultivo da mandioca para a farinha, tal condição não pode ser estendida a todo o semi-árido. Do mesmo modo que não se pode atribuir uma incompatibilidade entre os Tupi e as condições de semi-aridez.

Uma outra iluminura mostra a participação indígena no transporte fluvial e marítimo de cabotagem. Suas canoas a remo atendiam tanto à pesca quanto ao transporte.

Também ali estão representados os ‘volumes’ transportados sobre as cabeças das mulheres.

É interessante ainda se observar as atividades em um engenho de açúcar, em Pernambuco do século XVII, em uma iluminura de um mapa holandês (Ilustração 3).

10 Carta de Inácio de Moraes Sarmento, Ouvidor Geral, e Provedor da Fazenda Real, e do Salitre, datada de 2 de outubro de 1702. AHU - PE Caixa 11 pág 75/78

11 Idem.

Ali bem se pode observar a divisão étnica do trabalho. Divisão étnica, mas sobretudo relacionada às habilidades associadas à experiência cultural e também à segurança, no que concerne aos segredos do fabrico do açúcar.

Estão retratadas atividades ligadas ao fabrico do açúcar, com o 'mestre de açúcar', um branco; os negros no serviço do preparo e cozimento do caldo e plantio da cana.

Acima, vê-se o plantio da mandioca, os raladores e a prensa, atividades nitidamente exercidas por nativos do Brasil. Observa-se ainda a ausência de mulheres nesta representação, ainda que as atividades de plantio entre os índios da costa, tenham sempre sido referidas como atividades femininas. Por outro lado, associado aos raladores, observa-se um pote, provavelmente uma vasilha cerâmica, cuja forma sugere ser da tradição tupiguarani.

Ainda nesta iluminura há a representação de recipientes, associados às atividades do fabrico do açúcar.

Poderia se tratar de recipientes cerâmicos, mas, as proporções do recipiente deixam dúvidas quanto à compatibilidade ergométrica para um elemento cerâmico.

Entretanto, bem se pode observar o uso de um suporte, provavelmente um trançado que parte de um apoio na base e sobe cingindo o recipiente.

As alças, caso associadas à vasilha e não ao trançado, serviriam de guia para manter a posição do trançado, e não de suporte em si.

O peso que se pode inferir, transportado em tais recipientes (o caldo para cozimento), e a oscilação produzida pelo caminhar certamente deixariam suas marcas na cerâmica, o que poderia vir a ser observado na análise arqueológica.

Embora não conheçamos na região formas inteiras da cerâmica Tupiguarani que possam ser associadas ao trabalho nos engenhos de açúcar, sabe-se do empenho dos padres em redirecionar o conhecimento tecnológico nativo, no sentido de utilizar aquela mão de obra nas olarias.

Por outro lado, em meio aos fragmentos coletados em sítio Tupiguarani, um fragmento chama a atenção neste sentido. As características da pasta, do cozimento, do tratamento das superfícies, permitem caracterizá-lo como Tupiguarani. A forma, reconstituída hipoteticamente (Ilustração 5) com base em fragmentos de base e de bojo das cercanias, pode não representar a sua verdadeira forma, mas não diferiria de outras formas conhecidas através de técnica semelhante. A forma reconstituída mostra semelhanças com as formas representadas na iconografia. Também as proporções são comparáveis, embora a capacidade difira. Outros usos, talvez. Vale salientar que no fragmento coletado



Ilustração 3 – Detalhe de uma ilustração acerca das atividades em um engenho de açúcar. Do plantio de cana ao fabrico e transporte do açúcar.



Ilustração 4 - Porção conhecida da peça, a partir da qual se procedeu a reconstituição virtual.



Ilustração 6 - Detalhe de imagem anterior, focando a forma da vasilha

não foram identificadas marcas que pudessem ser associadas ao atrito contínuo de um suporte.

Por outro lado, ainda o contato intercultural conduziu vários nativos à Europa, às cortes da Europa, às cidades, aos luxos das grandes festas em que eram apresentados. Muitos não voltaram, outros retornaram às suas aldeias para contar aos seus acerca do poderio dos brancos.

A influência dos contatos se fazia sentir entre os índios mesmo no modo de vestir pois, “Quando Cristóvão de Gouveia chegou, o chefe (indígena) Mitagaia visitou-o vestido de damasco, com passamanes de ouro e sua espada na cinta.” Nisto seguiam na falta de senso alguns europeus para com o uso de vestimentas tão desconfortáveis sob o sol dos trópicos.

Na Paraíba os holandeses que haviam conquistado a simpatia dos nativos, “... chegaram mesmo a levar da Paraíba, um pequeno grupo de índios brasileiros para a Holanda: Paraupaba, André Francisco, Pedro Poty e outros mais. A viagem com o holandês Bondewing Hendrikszon, representou para esses indígenas um verdadeiro pacto de honra.

No retorno ao Brasil, aqueles nativos que haviam estado na Holanda, passaram a comandar tropas de indígenas, ainda que sob a supervisão de holandeses.”¹². E foram tais tropas que encetaram em 1645 o ataque a Cunhaú, no Rio Grande do Norte. Ali a população luso brasileira, que correria a esconder-se na igreja, foi impiedosamente massacrada, mutilada.

Tais observações têm por objetivo reforçar a intensa participação de nativos no conjunto da sociedade que se forjava nos dois primeiros séculos da colonização e a conseqüente aculturação.

Sabe-se, por outro lado que os nativos que estabeleceram os primeiros contatos com o colonizador no litoral de Pernambuco (Feitoria de Cristóvão Jaques – 1516) faziam uso de cerâmica, conhecida arqueologicamente como da tradição cultural Tupiguarani. Cerâmica que durante algum tempo foi abundante no assentamento colonial, possivelmente tendo servido de recipiente, de contentor de alimentos usados nas trocas. Embora não se disponha de elementos que sugiram alterações na forma da cerâmica em decorrência deste contato, um elemento da decoração poderia revelar a influencia do contato na produção oleira.



Ilustração 5 - Reconstituição da forma a partir do fragmento. A linha que cinge a peça demarca o limite entre a porção conhecida (junto a borda) e a parte hipotetizada.

¹² Antônio Paraupaba, que acabava de voltar da Holanda, assegurou aos Supremos Conselheiros que o pensamento do Conselho dos XIX era que “holandês algum os governasse, mas que viessem a escolher entre os seus um chefe”; o conselho com habilidade obteve que escolhessem não um chefe único, mas três regentes, um para cada capitania, para governá-los, os quais deliberariam com a assistência do “commandeur” Listry : Gen. Missive ao Conselho dos XIX, datada do Recife, 27 de junho de 1645. MELLO, José Antonio Gonsalves de. **Tempo dos Flamengos**: influência da ocupação holandesa na vida e na cultura do Norte do Brasil, Recife, Coleção Pernambucana, vol. XV, 2a. edição, Secretaria de Educação e Cultura de Pernambuco, 1978.



Ilustração 7 - Acima, fragmentos de cerâmica Tupiguarani com pintura vermelha sobre engobe branco. Abaixo fragmento de faiança grossa, portuguesa, comum em sítios históricos do Nordeste, do século XVI em diante. Foto Maricélia Milanês.

É bem verdade que pode se tratar de mero paralelismo cultural, afinal se trata de um conjunto simples de hemi circunferências. Mas, na verdade, tal motivo não se mostrou freqüente em outros sítios da Região, como acontece com grande parte dos motivos conhecidos.

Certamente, exceto por questões ritualísticas, a decoração se constitui em um elemento dentro da tecnologia ceramista, dos que permitem mais facilmente alterações. Alterações nas formas das vasilhas, requerem, muitas vezes, um conjunto de ajustes na técnica de fabrico, o que não se dá na alteração de motivos decorativos.

Mas o sincretismo não se deu apenas com a adoção de padrões decorativos europeus pela cerâmica nativa. Cerâmicas tecnologicamente associadas aos padrões coloniais foram decoradas com motivos nitidamente relacionados à cerâmica tupiguarani.

Tem-se deste modo que a cerâmica chamada Tupiguarani apresenta no Nordeste um posicionamento cronológico proto-histórico e histórico. Entretanto, as dificuldades decorrentes da falta de datações parece ter prejudicado uma maior ênfase na avaliação de tais relacionamentos culturais no sentido de sua influência sobre as formas e a decoração daquela cerâmica nos diferentes sítios.

No litoral do Nordeste a ocupação agrícola das terras começou muito cedo, ainda na primeira metade do século inicial da colonização. O desmatamento extensivo, o cultivo intensivo das terras, o uso, ano após ano, século após século de arados e enxadas, no mínimo contribuiu para a quebra de recipientes, para a intensa fragmentação da cerâmica indígena. Coincidentemente ou não, sítios litorâneos, nas restingas e em ilhas cercadas por manguezais, onde praticamente não se plantou cana, ali foram encontrados fragmentos maiores, que permitem tentar-se a reconstituição.

Em locais onde a ocupação colonial foi bem mais tardia, e cuja exploração econômica histórica conduziu a baixos índices de densidade demográfica, à exploração mais pecuária que agrícola, ali também foram registrados fragmentos de maior tamanho, ainda que em sítios superficiais.

No conjunto, tem-se que um número relativamente reduzido de peças inteiras foi até o momento resgatada. Grande parte do material arqueológico resgatado corresponde a fragmentos de peças.

A 'colagem' de fragmentos tem permitido algumas reconstituições, mas certamente a maior parte das formas



Ilustração 8 – Proveniência: aterro do Recife Antigo (Av. Alfredo Lisboa). Foto Maricélia Milanês.

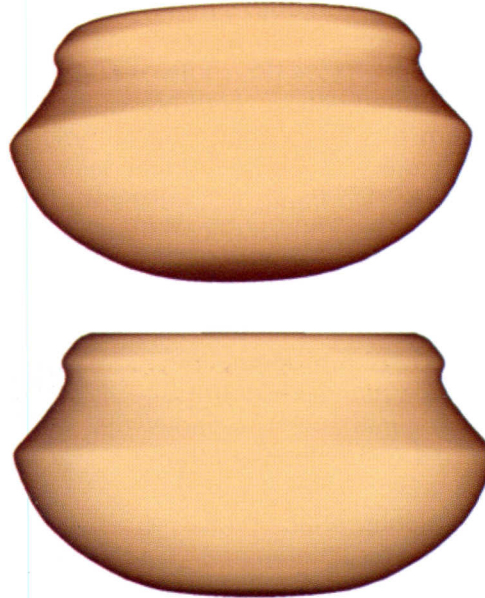
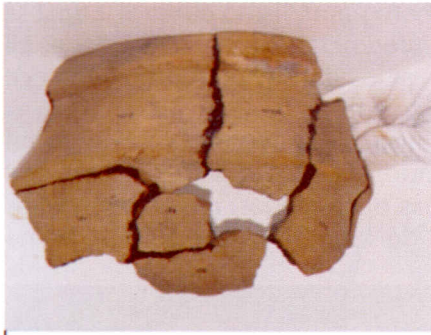


Ilustração 9 - Fragmentos colados permitem uma segura reconstrução virtual da peça. O uso da reconstrução virtual permite uma leitura mais fácil aos interessados no assunto, além dos especialistas.

em apresentar uma visão dos diferentes ângulos que se pretenda analisar. Entretanto, um problema que se apresenta, e que independe do uso ou não da reconstrução computadorizada, é a questão do tamanho dos fragmentos encontrados. Têm sido recuperados fragmentos que abrangem parte da borda e do bojo; mais raramente aqueles que chegam a insinuar a forma da base. Certamente o conjunto dos fragmentos de base que integram a amostra, permite conhecer-se a gama de variação dos vasilhames do sítio. Entretanto uma das características da cerâmica tupiguarani, suas formas multiflexionadas e multiangulares, representa um fator que dificulta muitas vezes uma reconstrução mais acurada, mais fidedigna.

Um outro aspecto que tem sido mencionado por Albuquerque¹³, quanto às dificuldades para a reconstrução virtual (mormente quando relacionada a pequenos fragmentos de cerâmica), é o contorno da abertura de algumas formas freqüentes no Nordeste. Grande parte das reconstruções têm sido possíveis quando a abertura do recipiente é de forma circular. Nestes casos é possível recuperar-se matematicamente ou graficamente o diâmetro da peça.

Entretanto, nos casos das formas quadrangulares e elípticas, a maior parte dos fragmentos não permite, até o momento, seja através de cálculos, seja através de ábacos, recompôr-se as proporções, as dimensões da abertura.

conhecidas foi virtualmente reconstituída. Certamente a associação das duas técnicas torna confiável a reconstrução e mais confortável sua utilização pelo pesquisador para efeitos comparativos. Sua visualização, quando associada à peça original permite ao leitor 'não iniciado', uma melhor compreensão sem perda do 'encanto' da relíquia.

Considerando que a grande maioria do material coletado está constituído de fragmentos que não oferecem a possibilidade de reconstrução por colagem das partes, outros recursos tem sido buscados de modo a tornar a reconstrução virtual mais confiável.

A reconstrução virtual de formas de recipientes, a partir do perfil da vasilha, com o uso de programas gráficos, se torna cada dia mais fácil e mais rápidos os cálculos de capacidade de contenção de cada uma das peças. Soma-se a tais facilidades, a capacidade dos programas disponíveis

¹³ ALBUQUERQUE, Marcos. Composição da forma em cerâmica Tupiguarani. CLIO - Série Arqueológica, Revista do Curso de Mestrado em História da UFPE, número extraordinário dedicado aos Anais do I Simpósio de Pré-história do Nordeste Brasileiro, Recife, (4); 121-122, 1991.

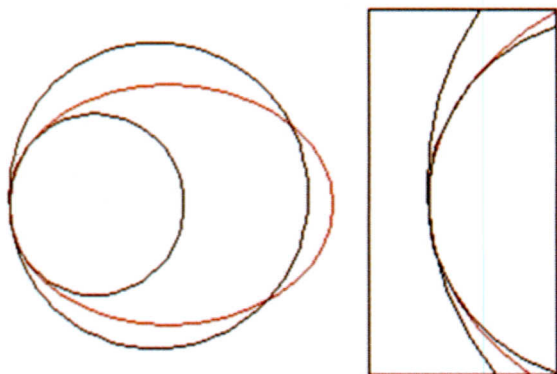


Ilustração 10 - Reconstituição hipotética de diferentes aberturas de recipientes elípticos e circulares, com trechos coincidentes da curvatura.

A variação da curvatura ao longo da borda nos recipientes quadrangulares e elípticos, associada à irregularidade inerente à técnica de modelamento manual, pode, eventualmente, durante a reconstituição da forma, induzir a falsos valores de abertura do vasilhame.

Tais erros podem ser tão mais frequentes quanto menores forem os fragmentos da amostra.

Um outro aspecto a ser considerado são as irregularidades na parede do vasilhame que, ainda nos fragmentos de menor tamanho, pode induzir a enganos. Nos casos onde a recuperação da curvatura se mostra prejudicada pelo tamanho do fragmento, a informação que se pode obter fica restrita ao perfil parcial do recipiente. Este é o caso do material proveniente de muitos dos sítios arqueológicos. Enquadram-se neste tipo de apresentação de formas, as representações de recipientes cujo contorno da 'boca' é quadrangular e elíptico. E tais formas são efetivamente muito comuns entre a cerâmica Tupiguarani dos grupos do Nordeste, podendo ser observadas tanto a partir das formas inteiras resgatadas, quanto dos fragmentos que se busca reconstituir.

Mas, para a reconstituição virtual das formas outros fatores são de fundamental importância: a profundidade da vasilha, a altura do ponto de inflexão do bojo.

Certamente o recurso da associação com formas conhecidas, tem orientado muitas das reconstituições a partir de fragmentos. Outro recurso buscado com sucesso foi o estabelecimento da altura da vasilha a partir de cálculos matemáticos¹⁴. A fórmula a que se chegou permite, com um alto índice de correlação (correlação linear de 0,9, para um valor máximo de 1,0) conhecer-se o ponto de inflexão do bojo para a base das vasilhas circulares, de bordas reforçadas.

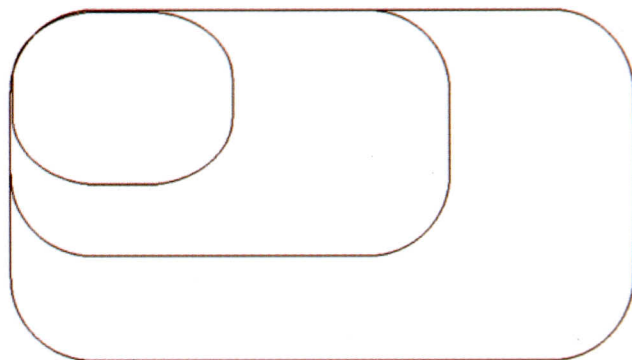


Ilustração 11 - Reconstituição hipotética de diferentes aberturas de recipientes quadrangulares, com uma mesma abertura angular.

¹⁴ Albuquerque, Marcos. Op. Cit. 1991.

Quando se tenta buscar associações entre as formas da cerâmica e áreas fisiográficas, considerando a possibilidade de variações alimentares, de hábitos e necessidades de conservação de alimentos, a princípio parece ser possível se tecer tais associações. Entretanto, o universo conhecido de cada área, as dificuldades de associações com a cronologia, sugerem que talvez seja ainda incipiente o conjunto das informações disponíveis.

Deste modo seria mais correto do ponto de vista científico apenas apresentar algumas das diferentes formas conhecidas, informando seus locais de ocorrência.

As tigelas quadrangulares parecem ser mais frequentes que as elípticas e as circulares; aquelas com bases

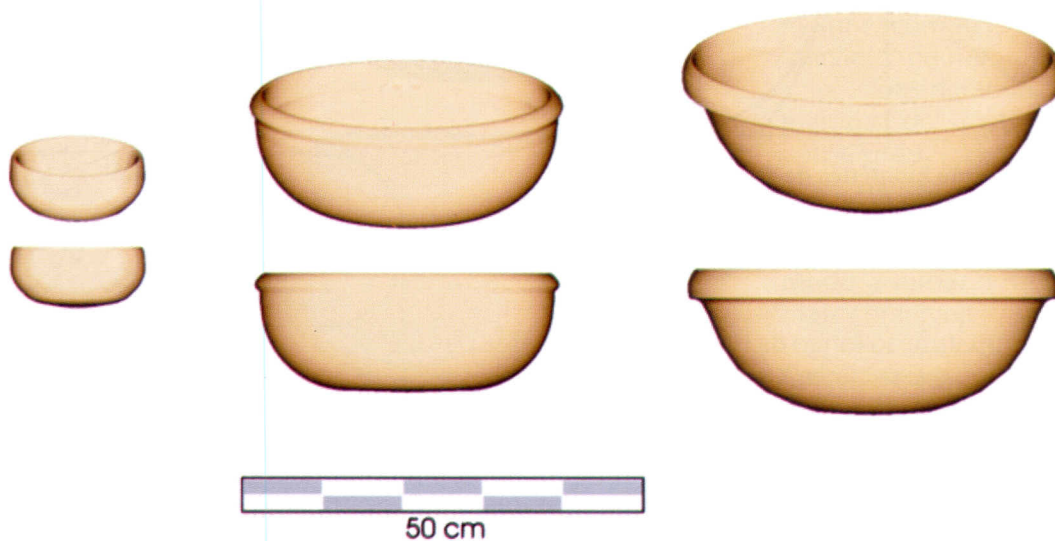


Ilustração 12 - Formas reconstituídas a partir de fragmentos, proveniente de sítio na Chapada do Araripe (PE).

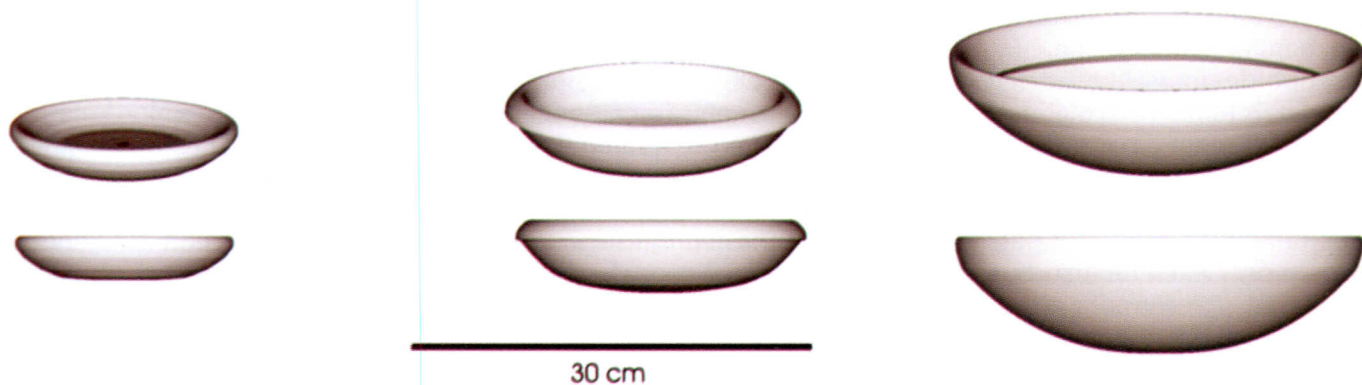


Ilustração 13- Formas reconstituídas a partir de fragmentos. Origem Chapada do Araripe (PE).

praticamente planas, em sua maioria apresentam bordas reforçadas externamente. Ocorre ainda, com menor frequência, bordas reforçadas externa e internamente.

Por outro lado, as tigelas de borda simples, diretas, em sua maioria apresentam base arredondada e mostram uma ampla gama de variação de tamanho.

Formas simples, comuns em diferentes culturas, inclusive entre a cerâmica dos colonizadores, se apresentam em diferentes tamanhos, sendo freqüentes aquelas com 10 a 12 centímetros de diâmetro. Seriam de uso individual, como as tigelinhas de mingau ou de açaí, ou serviriam para o preparo de mezinhas, chás, infusões?

Algumas peças inteiras, ou pelo menos cujos fragmentos permitem uma reconstituição segura do conjunto, são conhecidas na Região.

As peças inteiras, como foi mencionado, em sua maioria, não resultam de uma escavação arqueológica, mas são fruto de achados fortuitos. E, ao contrário do que aconteceu no caso relatado no início, nem sempre um arqueólogo é chamado para avaliar o achado *in loco*. Em grande parte dos casos, sequer tem sido possível aos arqueólogos revisitar a área de tais achados. Os achados se deram em desmontes de barreiras, em construções de estradas, ações que alteraram inteiramente o local, que destruíram quaisquer outros indícios que por ventura pudessem estar associados.

Entretanto, tais achados fortuitos, via de regra, têm entre si um denominador comum: provavelmente a maioria de tais achados se encontravam abaixo da superfície do solo, ao contrário dos incontáveis fragmentos que restaram à superfície. Certamente o fato de estarem à subsuperfície contribuiu para que as peças se mantivessem inteiras. Outras peças inteiras poderiam ter sido deixadas à superfície à época da ocupação e terem sido quebradas, intencionalmente ou não, pelas sucessivas ocupações do terreno ao longo dos séculos. Mas as questões que se põem são: por que algumas peças se encontravam sob a superfície? Seria decorrente de uma sobreposição natural de sedimento? Teriam sido enterradas? Por que? Quais formas são mais freqüentes entre as peças inteiras (enterradas), por que? Onde teriam sido deixadas ou escondidas (enterradas) em relação à habitação?

Dois tipos funcionais parecem predominar entre as formas resgatadas inteiras e que se encontravam na subsuperfície: potes introvertidos (comumente associados a urnas funerárias) e tigelas. Embora sejam mais comuns as referências à presença de restos humanos em recipientes capazes apenas de conter sepultamentos secundários, existem registros da presença de restos humanos em grandes recipientes capazes por suas dimensões de terem servido a inumação primária. Por outro lado, como chamou atenção Albuquerque¹⁵, recipientes cerâmicos de tais dimensões certamente não foram elaborados em um dia. Sua manufatura, queima e resfriamento teria ocupado vários dias. Um tempo talvez maior que aquele possível de ser mantido exposto um cadáver, sobretudo em um clima tropical. Pelo menos muito inconveniente, a despeito de possíveis e elaborados rituais funerários como aquele descrito, no qual o morto, besuntado de mel, era coberto por plumas.

É possível que o uso do sepultamento primário em urnas estivesse restrito a eventuais circunstâncias ou personalidades, e que envolvesse uma prévia preparação dos objetos rituais.

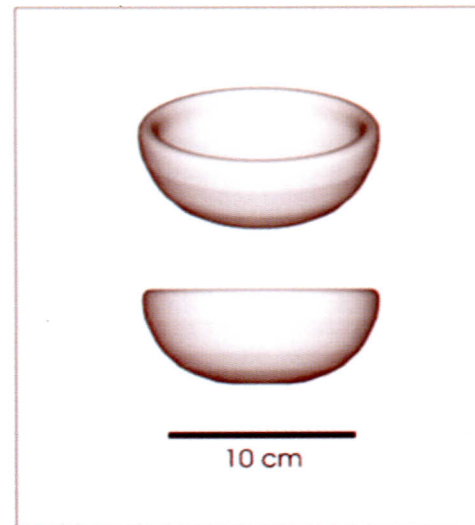


Ilustração 14 - Forma reconstituída a partir de fragmentos. Origem Chapada do Araripe (PE).

¹⁵ Op cit.

Tal hipótese entretanto, não se coaduna com a observação de que tais 'urnas', sistematicamente, se mostram quebradas abaixo da borda ou à altura do ombro.

Esta mesma observação é freqüente em 'urnas' associadas a sepultamentos secundários. Esta prática talvez seja decorrente da necessidade de ampliar a abertura do recipiente para a deposição dos despojos. Um recipiente já existente, possivelmente em uso em outra função. Na realidade tais formas associadas a sepultamentos não divergem daquelas reconstituídas a partir de seus fragmentos, cuja função é atribuída à contenção de líquidos.

Um outro aspecto a ser ainda considerado é a presença freqüente de uma outra vasilha cobrindo a abertura da 'urna'. As dimensões desta segunda peça não sugerem que tenha sido especialmente fabricada como opérculo da primeira. Antes representa uma tigela, semelhante a tantas outras reconstituídas, seja



Ilustração 15 – Observe-se que os bordos da vasilha foram removidos.
Foto Francisco Veloso



Ilustração 16 - Duas peças da Tradição Tupiguarani encontradas na Serra do Teixeira, Paraíba. Trata-se de um achado fortuito de moradores locais, que informaram da presença de ossos em seu interior. Origem PB 0001 Acervo Laboratório de Arqueologia da UFPE. Foto Doris Walmsley.

na forma, na dimensão ou na decoração.

Por outro lado, algumas destas 'urnas' não apresentavam restos humanos¹⁶. Pelo menos um caso nos foi possível constatar que apesar de coberta pelo segundo recipiente, a 'urna', fora preenchida por sedimento, que se infiltrara talvez, através de rachaduras. De permeio com o material que se assentara em seu interior não havia vestígios de ossos humanos, ou mesmo dentes bem mais resistentes à decomposição. Nestes casos, provavelmente o enterramento da vasilha não estaria associado a práticas rituais de contenção dos despojos do morto. Guardaria outros valores mais perecíveis ou simplesmente representa uma técnica de preparo de alimento? Decorreria, por exemplo, do processo de preparação de uma bebida fermentada, circunstancialmente abandonada?

16 ALBUQUERQUE, Marcos; LUCENA, Veleda; SANTOS, Claristella. Ausência de Sepultamento em Urna Operculada. Programa e Resumos da VII Reunião Científica da Sociedade de Arqueologia Brasileira. João Pessoa, p. 39, 1993.



Ilustração 17 – Conjunto selecionado e fotografado por Deusdédit Leite Filho.

1. Recipiente sem decoração medindo 56cm de diâmetro por 22cm de altura (utilizado como receptáculo das três vasilhas, descritas abaixo, encontradas em seu interior).

2. Recipiente medindo 46cm de diâmetro por 17,5cm de altura, com engobo vermelho externo e pintura policrômica interna (faixas vermelhas e desenhos retilíneos e curvilíneos no interior da peça com preenchimento de pontilhados interno).

3. Recipiente medindo 42cm de diâmetro por 16cm de altura (engobo vermelho interno, faixas marrons e vermelhas internas e desenhos retilíneos geométricos com preenchimento de pontilhados internos).

4. Recipiente medindo 19cm de circunferência por 6cm de altura (engobo branco com motivo floral em expansão na parte interna intercalando vazios e cheios com pontilhados vermelhos).

5. Recipiente medindo 12cm de diâmetro por 7cm de altura sem decoração em associação com o conjunto descrito acima.

6. Peça em forma de “cálice” sem decoração medindo 9,5cm de diâmetro por 13cm de altura. Também associado ao conjunto descrito acima.

Um outro tipo de conjunto tem sido ainda referido, que parece não envolver práticas funerárias. Entre eles chama especial atenção aquele localizado no Maranhão. O conjunto envolvendo 6 peças, inclui uma forma, ao que parece até então não descrita na região.

“Trata-se de um achado fortuito efetuado por operários em uma área de ocupação de moradia popular. A vasilha maior, que continha as outras três, foi danificada e não apresentava decoração.”¹⁷

Um outro tipo de associação observada diz respeito às formas quadrangulares e as bases aplanadas. Grande parte das formas inteiras observadas revela que as formas quadrangulares apresentam-se proporcionalmente com altura menor que as formas circulares, suas bases tendem a ser planas, como se pode observar no conjunto da ilustração 18.



Ilustração 18 - Conjunto vasilhas do acervo do Museu do Ceará. Fotos de Francisco Veloso

Naquele conjunto acima se tem uma vista de topo (que mostra o perímetro quadrangular) e abaixo a mesma peça vista lateralmente, quando se pode observar a base aplanada.

Da mesma coleção do Ceará, tem-se formas que tendem à circular, proporcionalmente mais profundas, cujas bases não se mostram aplanadas (figura 19).

¹⁷ Deusedit Filho, informação pessoal.



Ilustração 19 - Peças fotografadas por Francisco Veloso



**Ilustração 20 – Peça do acervo do Ceará.
Foto Francisco Veloso**

Como na montagem do conjunto anterior, neste conjunto tem-se acima cada uma das peças vista de topo e abaixo as mesmas peças vistas na lateral. Observe-se ainda que a segunda peça não é circular, mas elíptica.

Nas fotos, o tamanho relativo entre as peças não deve ser considerado pois, no conjunto se busca observar a relação entre o diâmetro e a altura de cada peça.

É ainda do Ceará, a peça carenada (Ilustração 20) cujos bordos foram removidos, embora de resto se mostre íntegra.

A semelhança do que se observa nesta peça, também a vasilha proveniente das matas litorâneas de Pernambuco (Ilustração 21) teve os bordos removidos. Trata-se de um recipiente de cerâmica tupiguarani fragmentado, em forma ovalar, carenada, com base arredondada. Apresenta decoração pintada. Sobre ela, havia uma outra vasilha que cobria a abertura (informação pessoal de trabalhadores que a encontraram). O material resgatado em seu interior não apresentou vestígios que pudessem sugerir tratar-se de um conjunto funerário.

Recipiente de cerâmica tupiguarani fragmentado, em forma ovalada, carenada, com base arredondada. Apresenta decoração pintada. Não apresenta borda, que poderia ter sido removida para facilitar o encaixe de outro recipiente como opérculo. Acreditou-se tratar, o conjunto, de uma urna funerária coberta, porém não apresentou vestígios de conteúdo. Medidas aproximadas (internas): eixo maior = 58cm; eixo menor = 45,5cm; profundidade = > 66cm (incompleta). Origem PE 0159 Jb (achado fortuito).



Ilustração 21 – Origem: PE 0159 Jb. Acervo Laboratório de Arqueologia da UFPE. Foto Doris Walmsley.



Ilustração 22 - Origem: PE 0159 Jb. Acervo Laboratório de Arqueologia da UFPE. Foto Doris Walmsley.

Recipiente de cerâmica tupiguarani em fragmentos (praticamente completo), em forma retangular, borda reforçada externamente, base semi-plana. Apresenta decoração pintada na superfície interna e borda externa. Foi utilizado como opérculo para outro recipiente (foto acima). Acreditou-se tratar, o conjunto, de uma urna funerária com cobertura, porém não apresentou vestígios de conteúdo. Medidas aproximadas (internas): eixo maior = 54cm; eixo menor = 44cm; profundidade = 15cm.



As tigelas quadrangulares, de base aplanada parecem constituir o grupo de maior incidência, pelo menos entre as peças inteiras que foram resgatadas.

Recipiente de cerâmica tupiguarani completo, em forma retangular, borda levemente reforçada externamente, base semi-plana (tigela). Apresenta decoração pintada policromática na superfície interna e borda externa, e monocromática no bojo externo. Apresenta marca de uso: fogo na base externa. Medidas aproximadas (internas): eixo maior = 41cm; eixo menor = 34cm; profundidade = 17cm.



Ilustração 23 – Peça do acervo do Núcleo de Estudos Arqueológicos – NEA UFPE. Foto Doris Walmsley.

Recipiente de cerâmica tupiguarani fragmentado (23 fragmentos colados) em forma quadrangular, borda reforçada externamente, base semi-plana (tigela). Apresenta decoração pintada na superfície interna e borda externa. Medidas aproximadas (internas): eixo maior = 66cm; eixo menor = 62cm; profundidade = > 20cm (incompleta).

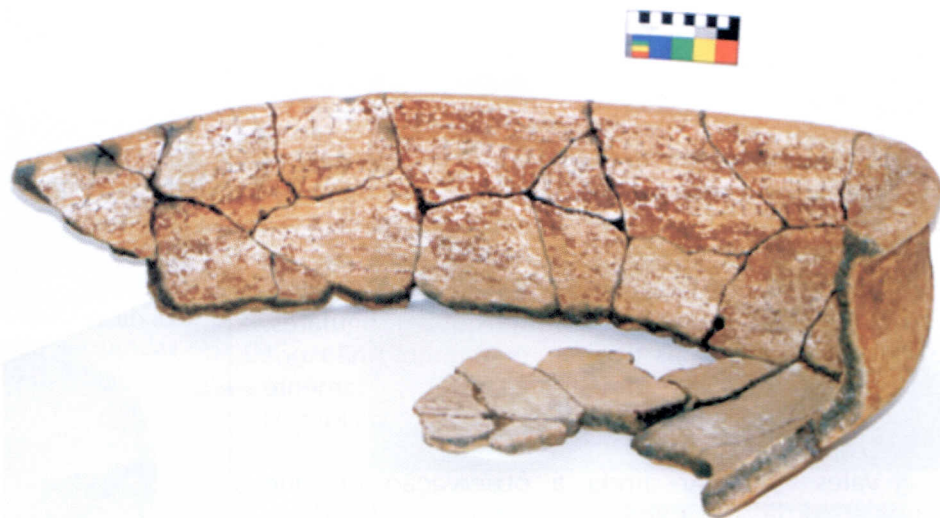


Ilustração 24 – Origem Serra de Triunfo, PE 0123 PJa. Acervo Laboratório de Arqueologia da UFPE. Foto Doris Walmsley.

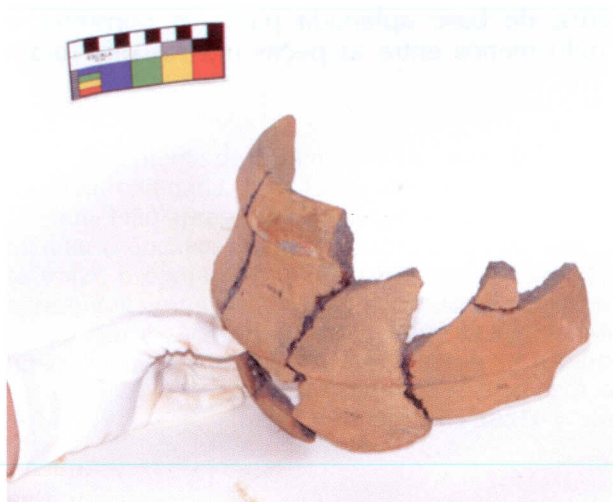


Ilustração 25 - Origem Araripina, Pernambuco sítio PE 0111 B Ga. Acervo Laboratório de Arqueologia da UFPE. Foto Doris Walmsley.

Entretanto, as formas de perfil mais complexo não são incomuns na Região. Infelizmente de tais peças são conhecidos sobretudo fragmentos; as peças inteiras são menos freqüentes.

A cerâmica Tupiguarani no Rio Grande do Norte, gentilmente levantada por Luiz Dutra, reflete também as características das formas quadrangulares. O conjunto das formas inteiras, entretanto, não nos permite tecer maiores comentários, pois, certamente são insuficientes para representar o universo das formas ali utilizadas.

Vales alientar ainda a observação de que o universo da cerâmica Tupiguarani no Nordeste provavelmente vai além das peças utilitárias relacionadas à alimentação e a sepultamentos.

Certamente as dificuldades encontradas em termos de estratigrafia, já discutidas, têm dificultado uma datação mais precisa para tais ocorrências.

Fragmento de panela de cerâmica tupiguarani (8 fragmentos colados) sem decoração, com borda reforçada, não circular. A porção resgatada não apresenta base.

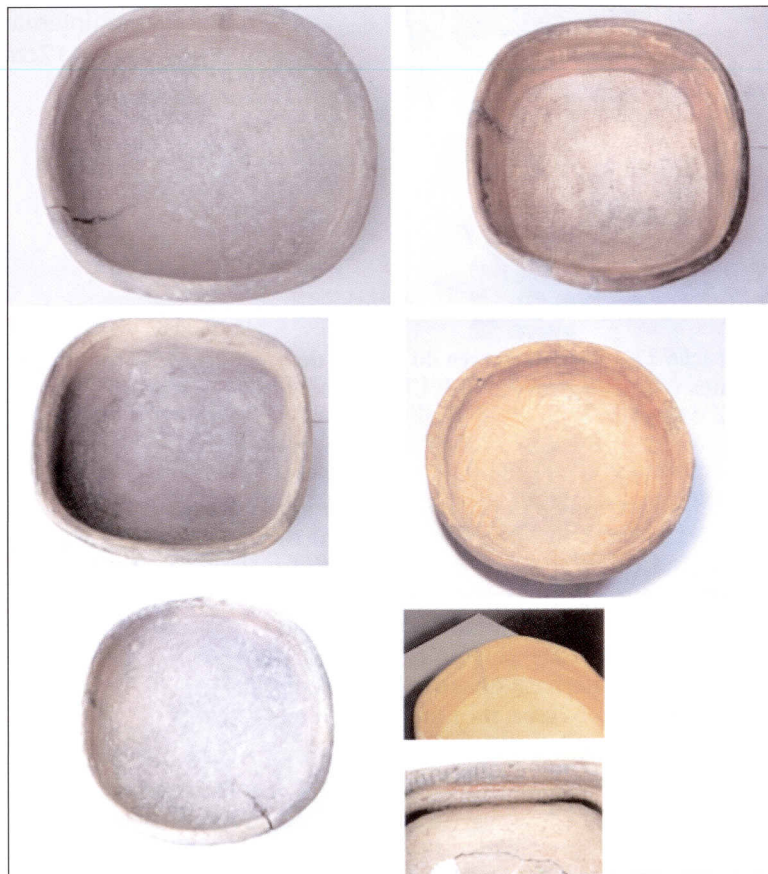


Ilustração 26 - Peças da coleção do Rio Grande do Norte. Foto Luis Dutra.



Ilustração 27 - Fragmento de peça não identificada; constitui-se em uma cabeça zoomorfa, modelada, encontrada em sítio superficial, com cerâmica Tupiguarani. Origem: PE 0141 B Ga, Araripina. Acervo Laboratório de Arqueologia da UFPE. Foto Maricélia Milanês.

Tem-se observado em sítios arqueológicos da Tradição Tupiguarani formas figurativas, provavelmente representações de quelônios.

São ainda freqüentes as peças que funcionam como 'volantes', especialmente confeccionadas como tais. De início foram registradas várias peças deste tipo elaboradas por desgaste de fragmentos cerâmicos. Entretanto as peças resgatadas na Chapada do Araripe foram confeccionados especificamente para esta função.

Tais 'volantes' servem para estabilizar o giro de um eixo de madeira, podendo ser usadas seja para a obtenção de fogo, seja para fiar (fuso).



Ilustração 28 - Fuso em cerâmica tupiguarani, encontrado em sítio superficial, com cerâmica Tupiguarani. Origem: PE 0137 B Ga, Araripina. Acervo Laboratório de Arqueologia da UFPE. Foto Maricélia Milanês.



Fragmento de peça não identificada. Trata-se, provavelmente, de vasilha geminada ou de bojo duplo, de características tupiguarani, com decoração pintada, em vermelho sobre branco, na superfície interna e vestígio do vermelho e do branco na externa. Apresenta vestígio de borda.

Ilustração 29 - Fragmento possivelmente de vasilha de bojo duplo. Origem Araripina, PE. Acervo Laboratório de Arqueologia da UFPE. Foto Maricélia Milanês.

Um outro tipo de peça foi ainda registrado em sítio arqueológico superficial na Chapada do Araripe. Trata-se de um fragmento de vasilha provavelmente de bojo duplo.

O fato de se tratar de um sítio onde o material arqueológico se encontra exposto à superfície, e mais, a área ter sido cultivada, permite levantar-se algumas dúvidas quanto a real associação de peças que poderiam ser consideradas intrusivas. Entretanto as características de pasta e de cozimento da peça permitem associá-la ao material arqueológico Tupiguarani do sítio.

Um outro aspecto, que no caso é relevante considerar, é a característica peculiar da vegetação florestal remanescente nas escarpas dos anfiteatros escavados pela erosão regressiva que se impõe na área. Andrade Lima¹⁸, que teve a oportunidade de estudar a composição florística das matas remanescentes (meados do século XX) na Serra da Ibiapaba, observou um notável paralelismo entre as espécies daquelas matas e as espécies comuns na Floresta Amazônica. Segundo a teoria então desenvolvida dos movimentos de avanço e recuo das áreas nucleares, durante

¹⁸ LIMA, Dardano de A..Contribuição ao estudo do paralelismo da flora amazônico-nordestina. *Boletim Técnico n.19*. Recife, Instituto de Pesquisas Agronômicas de Pernambuco, 1966, 30p.

o altitermal (ca 5.000BP)¹⁹ uma grande área florestada se estendia da Amazônia à costa Leste. Uniam-se as Florestas Amazônica e Atlântica, principalmente ao longo do litoral, mas com um significativo avanço para o interior, através da Serra da Ibiapaba. Alterações climáticas posteriores teriam promovido o recuo das áreas florestadas, e a Ibiapaba teria se constituído em um remanescente florestal, uma 'ilha' vegetacional, um brejo de altitude.

A Serra da Ibiapaba ao longo dos limites dos Estados do Piauí e Ceará, com o nome de Serra Grande, continua até a Chapada do Araripe, fronteira com Pernambuco. O movimento tectônico (muito anterior ao altitermal de 5.000BP) que promoveu a elevação do Araripe, direcionou através da inclinação das camadas, as águas que caem sobre a Chapada para as terras do Juazeiro do Norte (Ceará). Assim, a face pernambucana da Chapada é bem mais seca que a do Ceará. Tais observações são mostradas no sentido de lembrar a possibilidade de que o 'corredor' de vegetação poderá ter-se mantido até períodos muito mais recentes e ter servido de via de contato entre grupos do Norte e do Nordeste. Saliente-se ainda os sucessivos esforços feitos pelos colonizadores europeus para assenhorear-se da Serra Grande, para submeter o grande contingente das populações nativas daquela área. Foram muitas as tentativas mal sucedidas, experimentadas por padres e leigos, por soldados e aventureiros que buscaram submeter aquelas populações, no século XVI.

As terras da vertente pernambucana da Chapada do Araripe, tiveram uma ocupação colonial também tardia, a partir dos currais do São Francisco. Aquelas terras são freqüentemente referidas como ocupadas pelos tapuias, denominação genérica de grupos de um tronco lingüístico não tupi. Ainda nas cercanias daquela chapada as terras são designadas pelo nome de Cariri. Os Cariri (incluídos entre tapuias) no início do contato com os portugueses ocupavam uma grande extensão territorial da Bahia para o norte; posteriormente teriam se concentrado nos sertões de Pernambuco e mais tarde ocupado parte dos sertões da Paraíba, do Rio Grande do Norte e do Ceará. Tais informações etnográficas trazem novas questões quanto à presença de sítios arqueológicos tupiguarani na área.

A datação de 340 ± 150 BP posiciona em uma faixa cronológica entre o período imediatamente anterior ao contato com os colonizadores europeus, o período dos intensos conflitos e dizimações, até a época da retomada das grandes missões religiosas (após a expulsão dos holandeses) e sua transformação em vilas no período pombalino. Foram anos de grandes atribulações, de mudanças intensas que envolveram não apenas alterações no modo de vida dos grupos como dizimações, sucessões, coalescência forçada de grupos, imigrações. Neste quadro, onde se posicionam os grandes sítios arqueológicos tupiguarani datados neste período? Como conciliar as informações da documentação histórica com os grandes sítios arqueológicos com cerâmica tupiguarani localizados na Chapada do Araripe? Estas são questões que o estudo das formas dos vasilhames tupiguarani nos diferentes fácies fisiográficos pode vir a contribuir para melhor elucidar.

Por sua natureza de característica essencial²⁰ na feitura da cerâmica, as formas dos vasilhames assumem um caráter de maior permanência no tempo e no espaço. Assim, as variações em termos de recursos disponíveis, bem podem se refletir no uso dos recipientes, na proporção entre as formas da vasilhame. Por outro lado, seu estudo em detalhe poderá vir a contribuir no traçado dos contatos e de suas influências, sejam contatos intertribais sejam contatos interétnicos.

19 De acordo com a curva apresentada para o setor ao norte de Salvador (BA), tem-se que entre 7.100 BP e aproximadamente 4.000 BP, o nível do mar manteve-se acima do atual. Cf. SUGUIU, Kenitiro et alii 1985 – Flutuações do Nível Relativo do Mar Durante o Quaternário Superior ao Longo do Litoral Brasileiro e suas implicações na Sedimentação Costeira. Ver. Brasileira de **Geociência**, 15(4): 273-286

20 SHEPARD, Anna O. **Ceramics for the archaeologist**. Washington, Carnegie Institution of Washington, 1963, 414 p., il.

Ficha Catalográfica

C411 Os ceramistas tupiguarani / organizado por André Prous e Tania Andrade Lima . --- Belo Horizonte: Sigma, 2008. 216 p. il.

1.Arqueologia brasileira.2.Índios da América do Sul-Bra-
sil.3.Cerâmica.I.Prous, André.II.Lima, Tania Andrade.III.
Título.

CDU 930.26(81)
738(=87)

Elaborada por Rinaldo de Moura Faria - CRB-6 nº 1006



Ministério
da Cultura



Texto disponibilizado pelo site Brasil Arqueológico - Equipe do Laboratório de Arqueologia da Universidade Federal de Pernambuco
<http://www.magmarqueologia.pro.br/>

Conteúdo protegido pela lei de direitos autorais. É permitida a reprodução parcial ou total deste texto, sem alteração de seu conteúdo original, desde que seja citada a fonte e o autor.

COMO CITAR ESTA OBRA:

ALBUQUERQUE, Marcos. Recipientes cerarrucos de grupos tupi, no nordeste brasileiro. In: PROUS , Andre; LIMA, Tania Andrade (org.). **Os ceramistas tupiguarani**. Belo Horizonte: Sigma, 2008. p. 67-89. il.